

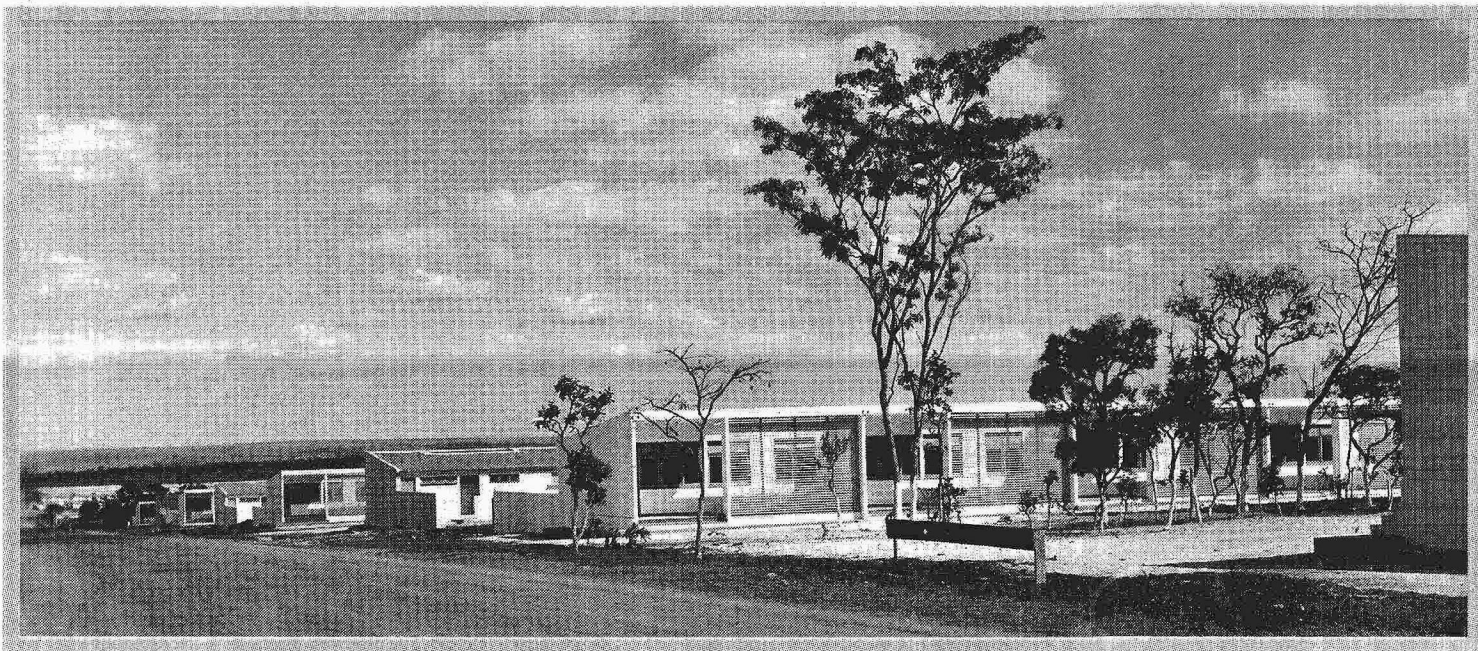
PIONEIROS



Felipe Elias Name

Visão para os negócios na nova capital

Arquivo Público



BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

“Goiânia era a capital de um estado, enquanto Brasília seria a capital de 21”. A frase é usada pelo mineiro de Sacramento, Felipe Elias Name, para justificar sua mudança para o local onde estava sendo construído o novo Distrito Federal, em 1958. Bem humorado, aos 86 anos de idade, Felipe diverte-se ao contar as histórias vividas na nova capital da República.

Bem instalado na capital goiana, onde possuía uma loja de tecidos finos e alguns imóveis, Felipe não precisou refletir sobre a decisão de vender tudo e partir em direção ao Planalto Central. Tinha certeza de que o futuro do país estava aqui. Em 1958, enfrentou uma viagem, que na época demorava quase um dia inteiro, para desembarcar sozinho na primeira sede da Novacap, onde hoje está a Candangolândia. “Comprei um terreno e queria logo construir, mas não pude. Tive que esperar a autorização da companhia”, conta.

O terreno ficava na W3 Sul, cuja aparência, na época, era bem distinta da que vemos hoje. Só havia asfalto até a altura da 508 Sul e quase nenhuma loja construída. Impedido de iniciar as obras da loja que nasceria mais tarde na quadra 510 Sul, Felipe não quis mais retornar a Goiânia.

A esposa, Leontina Manzam

Name, e os quatro filhos aguardariam na capital goiana o momento ideal de acompanhá-lo. Mas Leontina não suportou a distância e preocupação com o marido e terminou antecipando a vinda, chegando aqui um mês e meio depois de Felipe. “Deixei nossas duas filhas internas em um colégio e vim com nossos dois filhos”, conta. “Não quis vir conhecer a cidade antes porque tinha medo de não gostar e, se isso acontecesse, não me sentiria no direito de atrapalhar a realização do sonho dele”, completa.

Avenida W3

Quando Leontina e os filhos desembarcaram no futuro Distrito Federal, em 1959, Felipe já havia conseguido a permissão para construir no terreno da W3. “Recebi o segundo alvará de construção da avenida”, revela. As obras eram administradas por uma empresa chamada Brasilaje.

Felipe vivia em um barraco de madeira no acampamento, onde a esposa e os filhos se instalaram. Dois meses depois, a loja estava pronta. O térreo seria alugado para a companhia aérea Pan Air e a sobreloja serviria de residência para a família.

Desta época, Leontina e Felipe guardam as melhores lembranças do início da capital. “Tudo acontecia de repente, do dia para a noite”, conta ela. “Lembro do dia em que o prédio começou a tremer todo e quando fomos ver eram as máquinas que asfaltavam o restante da avenida W3”, diverte-se.

Apesar da proximidade com a data marcada para a inauguração da capital, 21 de abril de 1960, poucos prédios estavam concluídos na Asa Sul. Da 510 Sul, dava para avistar até o aeroporto, que ainda funcionava em uma sede de madeira. Algumas quadras estavam em construção, como a

106, a 305 e a 108 Sul. “Era um barulho infernal de martelo a noite toda. De manhã, as ruas estavam cheias de pregos que escapavam das obras”, diz Felipe. “Quem lucrava eram os borracheiros, que volta e meia tinham que tapar os furos dos pneus dos poucos carros que circulavam na época”, brinca.

Mesmo depois de asfaltada, só havia uma linha de ônibus local que percorria a W3, fazendo a ida e a volta. Ainda sem automóvel próprio, Felipe lembra-se de diversas vezes preferir fazer as obrigações a pé. “Ia até a 502 Sul comprar material para a construção e voltava com a mercadoria nas costas”, afirma.

A falta de mão-de-obra especializada também prejudicava quem fazia negócios em Brasília. Felipe conta ter experimentado o serviço de pelo menos dez pessoas que se apresentavam como eletricitistas e na hora do

FELIPE OCUPOU COM A FAMÍLIA UMA DAS CASAS DA W3 SUL

trabalho causavam pequenos acidentes. “Quando ligávamos a luz para testar, era choque pra todo lado”, recorda-se.

Passeios

Nos primeiros cinco anos após a inauguração, a cidade quase não tinha opções de lazer, mas os moradores transformavam os mais simples acontecimentos em motivo de festa. Leontina lembra-se de quando instalaram a iluminação da ponte do Braghetto, no final da Asa Norte. “Todo mundo queria ir até lá para ver”, diz. Em outra ocasião, o local onde caíra um avião francês no Lago Sul virou ponto de visitação da pequena população do Plano Piloto.

PIONEIROS

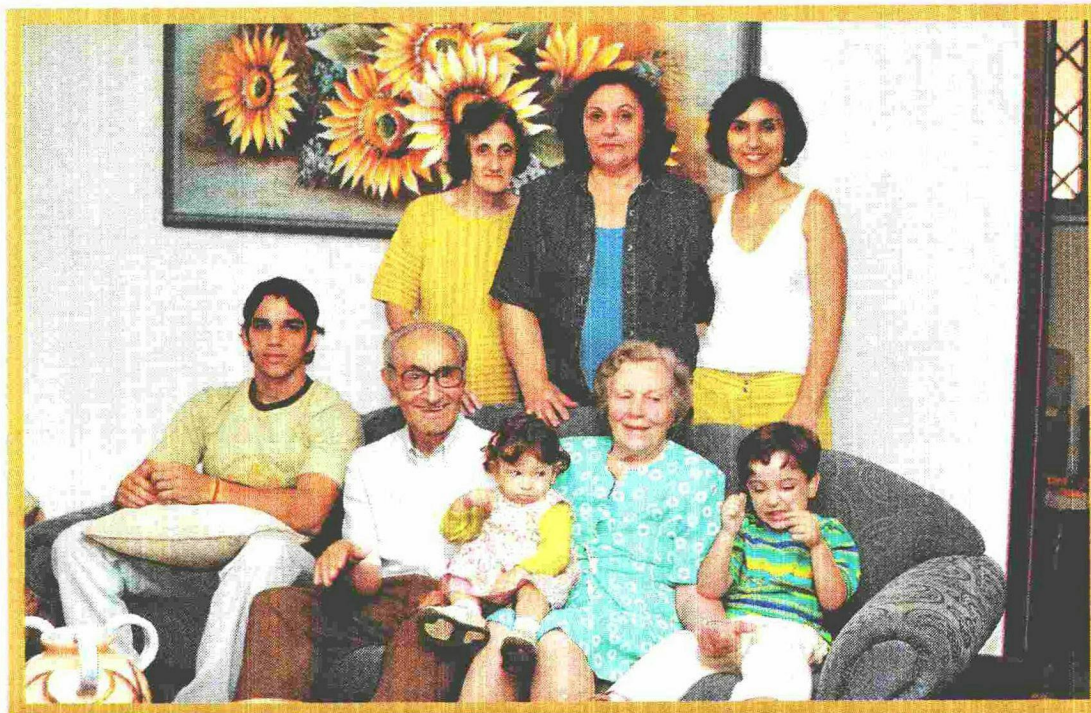
Empresário em Goiânia, o pioneiro resolveu vender tudo e vir para a nova capital, em 1958, certo de que o futuro do país estava aqui. Um mês e meio depois, a família chegou e nunca mais saiu

A Cidade Livre também foi um ponto de encontro comum da população local durante alguns anos, pois lá ficavam as melhores opções de comércio, alguns restaurantes, colégios e até um cinema. Logo quando se mudaram para cá, os filhos de Felipe estudaram na sede do colégio Dom Bosco, que ficava na Cidade Livre. Certa vez, ele resolveu levar os meninos e a esposa ao cinema e terminou se arrependendo. “Era muita gente amontoada na entrada, quando os portões abriram parecia uma manada de bois, perdi meus filhos e minha esposa lá dentro por vários minutos”, conta. “Nunca mais quis voltar lá”, conclui.

105 Sul

Depois de dois anos vivendo na W3 Sul, Felipe adquiriu uma loja na 105 Sul e decidiu voltar a trabalhar com o ramo que já conhecia — o comércio de tecidos finos. A clientela da Name Tecidos era garantida, já que aqui ainda não havia boutiques ou lojas de roupas finas para satisfazer as necessidades de autoridades como ministros e parlamentares. “Dona Sarah Kubistchek foi nossa cliente por muito tempo”, conta Leontina. Em alguns meses, o negócio já rendia mais do que a loja que havia sido fechada em Goiânia.

Nesta época, a família passou a viver na sobreloja do novo endereço comercial de Name. As filhas do casal chegaram em Brasília no início de 1960, antes da inauguração. Sônia, a mais nova, não esquece a imagem de Juscelino Kubistchek durante o discurso na noite da festa. “Brasília era pouco iluminada e as luzes do púlpito de onde ele falava criavam um cenário



FELIPPE COM A FAMÍLIA NA CIDADE QUE ESCOLHEU PARA AMAR

impressionante”, recorda-se.

Depois de dois anos instalados na 105 Sul, o escritório da Pan Air fechou e Felipe alugou a loja para outra empresa, do ramo de eletrodomésticos. O negócio também fechou e o mineiro decidiu então transferir a loja de tecidos para lá. “Naquela época, quem tinha algum negócio na W3 era considerado rei”, diz. “A avenida era o principal ponto de circulação da população de Brasília”, completa.

Aos poucos os primeiros clubes eram inaugurados, as casas da W3 concluídas e ocupadas e o convívio social ampliado. Para ir ao cinema, não era mais preciso enfrentar o tumulto na Cidade Livre. Na W3 funcionava uma pequena sala do Cine Cultura e na 106 Sul acabava de ser inaugurado o Cine Brasília. Outro ponto de encontro, o Hotel Nacional, também era cada vez mais frequentado pelo jovens, segundo Sônia. Lá funcionava uma lanchonete e a boate Tendinha.

Instabilidade

Em 1963, Felipe construiu uma casa no padrão HP3, ou seja, com seis metros e meio de frente, na altura da 710 Sul, e mudou-se com a família para lá. Os negócios da loja na W3 iam bem, mas

“**ERA UM BARULHO INFERNAL DE MARTELO A NOITE TODA. DE MANHÃ, AS RUAS ESTAVAM CHEIAS DE PREGOS QUE ESCAPAVAM DAS OBRAS. QUEM LUCRAVA ERAM OS BORRACHEIROS, QUE VOLTA E MEIA TINHAM QUE TAPAR OS FUROS DOS PNEUS DOS POUCOS CARROS QUE CIRCULAVAM NA ÉPOCA**”

a insegurança sobre a permanência de Brasília como capital federal incomodava. “Volta e meia, os deputados tentavam recolher assinaturas para retornar a capital para o Rio de Janeiro”, conta Felipe. Esta instabilidade atrapalhou muito o desenvolvimento da cidade, causou uma crise na economia local e fez muitas pessoas pensarem em abandonar o que tinham construído. “Anápolis e Goiânia progrediam em função de Brasília e nós aqui sofríamos com cada novo boato de retorno”, critica o mineiro.

Por causa disso, em 1966, o pioneiro chegou a tentar vender tudo o que havia construído na capital para mudar-se para São Paulo. Mas o mercado imobiliário em Brasília estava desacreditado e o empresário não conseguiu comprador para os imóveis.

Em 1968, com o mercado local regularizado e a capital finalmente consolidada, ele passou a investir na construção de mais imóveis. Construiu um prédio de nove pavimentos no Setor Comercial Sul, adquiriu terrenos no Lago Sul e fez mais uma casa na W3 Sul. Em 1972, cansado do comércio varejista, fechou a Name Tecidos, passando a se dedicar exclusivamente à locação dos imóveis.

Raio X

Nome: Felipe Elias Name
Idade: 86 anos
Origem: Sacramento, Minas Gerais
Ano de chegada a Brasília: 1958
Profissão: Empresário
Esposa: Leontina Manzan Name
Filhos: José Carlos, Sônia, Maria Tereza e José Eduardo
Netos: Luciana, Carlos Felipe, Bruno Felipe, Thiago Felipe, Gustavo Felipe, Eduardo, Roberto, Juliana, Laura, Beatriz e Ana Luisa.
Bisnetos: Fernando, Isabela e Luisa